

PLANEJAMENTO TERRITORIAL E URBANISMO PARTICIPATIVO NO QUILOMBO KALUNGA. CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO DE EXTENSÃO DO LABORATÓRIO PERIFÉRICO.

TERRITORIAL PLANNING AND PARTICIPATORY URBANISM IN THE KALUNGA QUILOMBO. CONTRIBUTIONS FROM THE PERIFERICO LABORATORY EXTENSION PROJECT.

Liza Maria Souza de Andrade¹; Luana Figueiredo de Carvalho Oliveira²; Anderson Pereira de Oliveira³; Anna Clara Monteiro Leite⁴; Carlos Pereira da Conceição⁵; Angélica Azevedo e Silva⁶.

¹Doutora em Arquitetura e Urbanismo | liza@unb.br | UnB | Brasília, Brasil; ²Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo | lfigueiredo.arq@gmail.com | UnB | Brasília, Brasil; ³Graduando em Arquitetura e Urbanismo | anderson.oliveira@aluno.unb.br | UnB | Brasília, Brasil; ⁴Graduanda em Arquitetura e Urbanismo | annamonteiro.leite@gmail.com | UnB | Brasília, Brasil; ⁵Mestrando MESPT | cconceicao63@gmail.com | UnB | Brasília, Brasil; ⁶Residente CTS | angelicazv21@gmail.com | UnB | Brasília, Brasil.

Resumo:

O artigo apresenta as atividades do projeto de extensão “Planejamento Territorial e Urbanismo Kalunga” (2024), desenvolvido como continuidade do projeto “Arquitetura Vernacular Kalunga” (2021-2023), pelo Grupo de Pesquisa e Extensão Laboratório Periférico da FAU/UnB. A fim de permitir a construção conjunta de saberes entre os acadêmicos e a comunidade, a metodologia utilizou instrumentos participativos para a identificação de demandas junto à AQK. A partir do “jogo dos padrões” foram sistematizados conhecimentos sobre as tipologias arquitetônicas e os modos de vida tradicionais, articulando moradia, trabalho, natureza e cultura. As análises revelaram padrões espaciais e de acontecimentos específicos do habitat quilombola, como a vivência em harmonia com a natureza, o conjunto estruturante da casa, a multifuncionalidade da parte produtiva e os arranjos temporários para festejos, refletindo uma organização conectada ao território e à ancestralidade. Evidenciou-se também tensões trazidas pelo crescimento do turismo, apontando a importância de um planejamento que respeite a identidade e valorize os saberes tradicionais.

Palavras-chave:

Habitat Quilombola; Urbanismo Participativo; Padrões de Acontecimentos; Vivência Extensionista.

Abstract:

This article presents the activities of the extension project “Kalunga Territorial Planning and Urbanism” (2024), developed as a continuation of the “Kalunga Vernacular Architecture” project (2021–2023), by the Periferico Laboratory Research and Extension Group of FAU/UnB. To enable the joint construction of knowledge between academics and the community, the methodology used participatory instruments to identify demands in collaboration with the AQK. Through the “pattern game”, knowledge was systematized regarding architectural typologies and traditional ways of life, articulating housing, work, nature, and culture. The analyses revealed spatial patterns and activity patterns specific to the quilombola habitat, such as harmonious coexistence with nature, the structural set of the dwelling house, the multifunctionality of the productive area, and the temporary arrangements for festive gatherings, reflecting a form of territorial organization rooted in ancestry. The study also identified tensions brought by the growth of tourism, highlighting the importance of planning that respects cultural identity and values traditional knowledge.

Keywords:

Quilombola Habitat; Participatory Urbanism; Patterns of Activity; Extension Experience.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo integra o eixo temático relacionado ao ensino e práticas extensionistas por apresentar as experiências adquiridas pelo Grupo de Pesquisa e Extensão Periférico (Laboratório Periférico Assessoria Sociotécnica) da FAU-UnB no território quilombola Kalunga no ano de 2024. O Periférico tem uma conexão com esta comunidade desde 2016, tendo acompanhado as mudanças territoriais e desenvolvido uma diversidade de projetos e pesquisas tanto na área urbana de Cavalcante, quanto no território quilombola Kalunga. Dentre eles se destacam o Corredor Cultural do Cerrado (Damasceno, 2016), o Sentido Kalunga (Maboni, 2018), o Projeto Participativo do Parque Urbano Ecológico de Cavalcante (Bossaerts, 2023), o Urbanismo Kalunga (Silva, 2023) e as ações de extensão Gestão Ambiental Urbana Participativa e Turística (2022-23) e Arquitetura Vernacular Kalunga (2021-23), do qual foi produzido o Guia da Arquitetura Vernacular Kalunga (Andrade et al., 2023).

O desenvolvimento destes projetos visou fortalecer a transdisciplinaridade e a conexão entre as ações extensionistas da universidade e as demandas reais das comunidades vulneráveis, tradicionais e quilombolas. Estes fatores foram fortalecidos com a criação dos Polos UnB Kalunga e Chapada dos Veadeiros da Rede de Polos de Extensão (REPE/UnB) em 2021, permitindo mais recursos para algumas das vivências no território e a participação em eventos correlacionados. O território da comunidade quilombola Kalunga está localizado na região nordeste do estado de Goiás, nas áreas dos municípios de Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás, com uma área delimitada de 237.000 hectares, com aproximadamente 40 comunidades, reconhecido como o maior quilombo remanescente do país (figura 1). Foi tombado como “Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga” (SHPCK) em 1991 e preserva a maior área de cerrado do Brasil com um dos mais altos índices de biodiversidade do planeta, sendo o primeiro território do país reconhecido como TICCA (Território e Área Conservada por Comunidades Indígenas e Locais) pela ONU (2021).

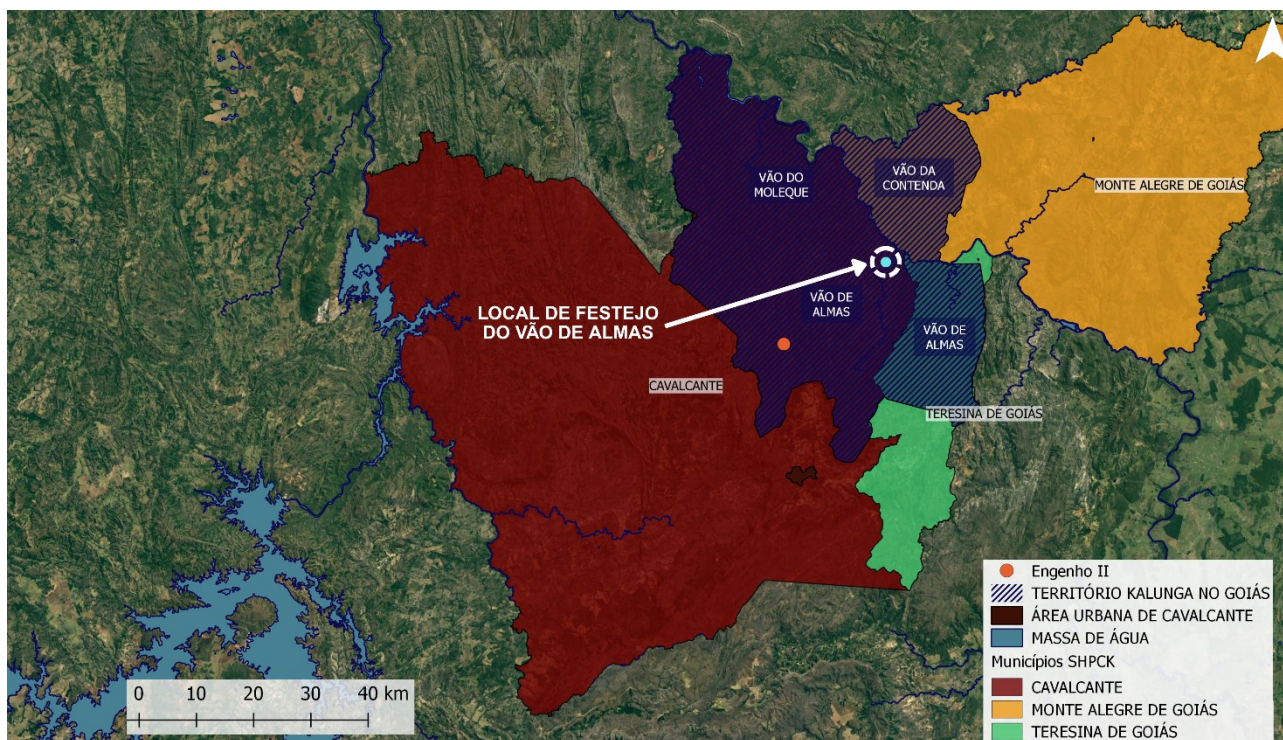


Figura 1: Mapa de localização do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga.

Fonte: Silva (2023).

De acordo com Dias (2019) e com os relatos da Associação Quilombo Kalunga (AQK), atualmente um dos maiores desafios desta comunidade, assim como de grande parte dos quilombos, está na regularização e titulação de seu território, onde apenas 31.000 hectares estão regularizados pelo Estado, havendo conflitos contínuos no processo de desapropriação de fazendeiros, grileiros, entre

outros empreendimentos que ocupam o território tradicional bem como a falta de políticas públicas que melhorem a qualidade de vida à população. Nesse contexto, a emergência climática associada à organização social dessas comunidades quilombolas é compreendida como parte de um processo histórico de reivindicação de direitos, especialmente à terra e à moradia, por meio da regularização fundiária. Essa luta se integra a um conceito ampliado do habitat rural defendido pelo Grupo Periférico, que demonstra a importância de analisar o modo de viver tradicional a partir das experiências, saberes e práticas das comunidades antes de propor um planejamento territorial ou projeto arquitetônico no local; sendo um exemplo da falta dessa análise, a tipologia arquitetônica construída no MCMV-Rural. Portanto, as ações do Periférico somam-se ao processo coletivo, contribuindo para o aprofundamento do debate sobre justiça territorial e reconhecimento de direitos no campo. Assim, as metodologias sociotécnicas adotadas buscam apoiar a autonomia da gestão territorial quilombola, valorizando a participação ativa das comunidades em oficinas, diagnósticos e propostas, sempre orientadas pelo protagonismo local e pelo engajamento sociopolítico de suas lideranças, como a AQK.

Dito isso, o projeto de extensão “Planejamento Territorial e Urbanismo Kalunga” (2024) busca sistematizar a análise a partir das tipologias residenciais como representação da cultura e dos saberes tradicionais quilombolas, os padrões espaciais e de acontecimentos, extrapolando a escala da edificação no âmbito das técnicas construtivas da arquitetura vernácula para discutir o contexto do habitat rural, as relações de territorialidade e os modos de vida das comunidades quilombolas do ponto de vista da organização espacial e sociocultural.

2. REVISÃO DE LITERATURA: CONTEXTUALIZAÇÃO DOS PADRÕES ESPACIAIS E DE ACONTECIMENTOS

A revisão de literatura deste artigo no âmbito extensionista tem como foco estudos sobre a produção do habitat rural a partir da perspectiva identitária quilombola e dos modos de vida específicos Kalunga, no contraste e similaridades entre os modos de vida urbano e rural e na linguagem dos padrões espaciais e de acontecimentos utilizada como parte da metodologia para melhor comunicação com a comunidade. Portanto, a produção do conhecimento a partir das vivências territoriais configura-se como uma nova forma de fazer ciência, na qual a experiência acrescenta tanto quanto a revisão de literatura de uma pesquisa *stricto sensu*.

É preciso promover uma adequação do conhecimento científico e tecnológico na extensão universitária com base no Pensamento Latino-americano em Ciência, Tecnologia e Sociedade (PLACTS) para além da questão técnico-econômica, mas englobando outros aspectos que envolvem as estratégias de sobrevivência do ser humano, identitária do sujeito sociotécnico e sua relação com o território e a natureza, que constituem a relação Ciência, Tecnologia e Sociedade - CTS. O Grupo Periférico trabalha a produção do habitat por temas e tipologias espaciais urbanas e rurais junto às comunidades, caracterizados como adequação sociotécnica, desenvolvidos no território do DF e entorno, que inclui as comunidades quilombolas de Goiás (Andrade et al, 2019).

A produção do habitat rural quilombola envolve relações complexas entre espaço, cultura, trabalho e ancestralidade, que muitas vezes são ignoradas pelas abordagens normativas de planejamento. Nesse sentido, Oliveira (2019) analisa criticamente a aplicação do Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR) em comunidades quilombolas da Chapada Diamantina, demonstrando como os modelos habitacionais impostos pelo Estado frequentemente desconsideram os modos de vida, saberes construtivos e dinâmicas coletivas próprias desses territórios. Sua pesquisa evidencia um descompasso entre as políticas públicas habitacionais e a etnicidade quilombola, e enfatiza os aspectos identitários presentes na relação entre a habitação e o habitat, onde a casa não se limita ao espaço construído, e sim, engloba todo o entorno, as relações familiares e comunitárias, passadas de geração em geração, característica das comunidades tradicionais.

Numa abordagem comparativa, é relevante observar as diferenças e similaridades entre a habitação urbana comum e a habitação rural quilombola. Em ambas infelizmente pode haver precariedade no atendimento por políticas públicas, sendo mais acentuada nesta última. As duas apresentam

contrastes marcantes: a urbana possui maior acesso à infraestrutura, serviços e saneamento básico, além de seguir padrões construtivos mercadológicos; enquanto a quilombola é marcada por técnicas construtivas tradicionais, materiais locais, e geralmente se organiza espacialmente de forma mais orgânica e ligada à produção agrícola. No entanto, como apontam Silva et al. (2024), o modo de vida da comunidade quilombola Kalunga apresenta grande conexão na “tríade sustentabilidade, ancestralidade e identidade”, promovendo uma maior harmonia com a natureza em seus padrões espaciais e de acontecimentos, algo a inspirar ressignificações urbanas.

Os padrões de acontecimento referem-se a elementos comuns observados no cotidiano da vida em comunidade, tanto no contexto urbano quanto rural, como neste caso, a pesca, a regularidade de festejos religiosos tradicionais e o banho em rios e cachoeiras. Enquanto os padrões espaciais estão associados à forma e organização dos espaços (Alexander, Ishikawa, Silverstein, 1977; Andrade, 2014). Estes padrões interrelacionados são representados graficamente no formato de pequenas cartas (do tamanho do baralho), tornando a abordagem lúdica para dialogar com os envolvidos sobre as demandas e a forma como elas se organizam no território; os padrões são fundamentais para compreender a dinâmica do habitat visto que capta também elementos simbólicos e socioculturais e não apenas a configuração física dos espaços. Este estudo utiliza a pesquisa realizada por Silva et al. (2025) como base estruturante para a metodologia dos padrões aplicada durante o projeto de extensão. A partir de suas ilustrações (figura 2) e reflexões sobre os contrastes entre os modos de vida urbanos e rurais, foi possível avançar tanto no diálogo com a comunidade, quanto no aprofundamento da identificação de novos padrões de acontecimentos em outras localidades dentro do território, conforme apresentado no tópico dos resultados.

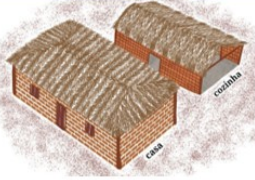








| | | | |
|---|---|--|---|
| cozinha separada da habitação | galinheiro | curral | casa de farinha |
|  |  |  |  |
| horta no quintal | jardim no quintal | plantas medicinais no quintal | árvores frutíferas no quintal |
|  |  |  |  |
| jirau de louça (ou horta suspensa) | varal de carne | pilão | fogão à lenha |
|  |  |  |  |

Figura 2: Parte dos padrões de acontecimentos no espaço social Kalunga doméstico: a casa com a roça e o gado. Fonte: Silva et al. (2025).

3. MÉTODO DA PESQUISA-AÇÃO NO ÂMBITO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

A pesquisa-ação segue um ciclo dinâmico, em que pesquisadores e comunidade interagem ativamente para identificar os problemas, levantar as demandas locais, implementar soluções e avaliar os resultados dentro do processo de pesquisa. Esse ciclo contínuo de ação-avaliação permite o desenvolvimento de projetos participativos e adaptados às realidades locais, uma vez que a comunidade é o pilar central para sustentar as avaliações de acordo com a visão local. Atuando por esse viés, é possível encontrar resultados mais condizentes com o saber empírico, além do saber teórico, envolvendo uma maior multidisciplinaridade e inclusão social.

Neste projeto de extensão foi seguida a metodologia do Periférico, cujas etapas iniciais se estruturam na realização de um levantamento do contexto físico e social conforme as quatro dimensões da sustentabilidade, ambiental, social, econômica e cultural, e na esquematização de padrões espaciais e de acontecimentos (Alexander, Ishikawa, Silverstein, 1977; Andrade, 2014) como base para as oficinas participativas com a construção de cenários alternativos às necessidades identificadas. Portanto, o procedimento seguido foi a familiarização com a metodologia dos padrões do Periférico, a análise dos resultados de pesquisas já realizadas no território, a participação em eventos relacionados às comunidades quilombolas, as visitas ao território urbano e quilombola com a realização de oficinas participativas do “jogo dos padrões”, a sistematização de novos padrões de acontecimentos e a análise destes resultados e tipologias arquitetônicas.

Com base nisso, primeiramente a equipe participou do Aquilombar: Ancestralizando o futuro, na perspectiva de obter conhecimento relacionado às ações nacionais articuladas pela CONAQ (Coordenação Nacional de Articulação de Comunidades Negras Rurais Quilombolas), organização de maior representatividade Quilombola no país. A atividade proporcionou a oportunidade de escutar as vivências e saberes das comunidades quilombolas presentes no evento.

Em junho de 2024, o Polo UnB Kalunga realizou a terceira edição do Fórum Sociocultural na cidade de Cavalcante-GO. Nesta ocasião, cada ação de extensão organizou uma atividade para realizar com a comunidade na praça, no caso esta equipe propôs a oficina do “jogo dos padrões”. A preparação para a oficina envolveu a adição de padrões que pudessem estar relacionados aos acontecimentos rurais quilombolas para que a comunidade pudesse pontuá-los nas localidades do mapa do território, podendo ainda desenhar novos padrões no momento conforme os relatos. Nesta atividade foram utilizados os mapas lúdicos do território produzidos pelo projeto de extensão de outra equipe “Jogos interpretativos ao redor da fogueira dos Kalunga”.

Posteriormente, houve a participação no VI Encontro de Pesquisas, Diálogos, Saberes e Fazeres Quilombolas Kalunga, realizado no local da Romaria do Vão de Almas em Cavalcante. A experiência foi marcante pela condução do evento pela própria comunidade e pela proposta decolonial, com atividades vivenciais em vez de expositivas. A equipe registrou as histórias faladas e os desafios observados na comunidade, principalmente os relacionados à infraestrutura rural, como o acesso por estradas de terra, a falta de transporte coletivo, e energia e saneamento precários. Entretanto, o principal legado foi a imersão na cultura Kalunga, por meio de oficinas de culinária, caminhadas no território, festas, ritos religiosos e o convívio junto à natureza, pouco comum à maioria dos participantes.

Por fim, na Semana Universitária da UnB foi realizada uma mesa com todas as ações de extensão do Periférico que envolviam Povos e Comunidades Tradicionais, sob o tema “Habitat e Arquitetura nos Projetos de Extensão do Laboratório Periférico - Quilombo Kalunga, Quilombo Mesquita e Aldeia Urbana Ahaim Aam”. A mesa começou com uma palestra das principais lideranças e referências de cada comunidade, posteriormente abrindo ao diálogo com o público. A devolutiva à comunidade e a divulgação da temática possui demarcada relevância diante da resistência desses povos tradicionais, e o necessário apoio de toda a sociedade civil para a valorização e perpetuação de modos de vida mais integrados à natureza.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As experiências territoriais adquiridas geraram registros escritos e fotográficos, que proporcionaram as relatorias das vivências em campo e as análises das tipologias arquitetônicas e dos padrões de acontecimentos da comunidade. Após as atividades, a equipe sistematizou novos padrões quilombolas e desenhou cenários com a junção desses acontecimentos, formando esquemas de como funcionam duas tipologias arquitetônicas no território, uma da vivência doméstica e outra mais relacionada à produção agrícola, bem como o esquema da organização espacial do espaço de festejo da comunidade do Vão de Almas. Estes desenhos seguem e atualizam as pesquisas iniciadas em Silva et al. (2025) nos espaços sociais Kalunga da casa, da roça e do espaço sagrado.

4.1. OFICINAS PARTICIPATIVAS E VIVÊNCIAS EM CAMPO NO QUILOMBO KALUNGA

A oficina participativa “jogo dos padrões” realizada no III Fórum Sociocultural Kalunga foi organizada de forma dinâmica e rotativa, onde as pessoas da comunidade participavam em fluxo contínuo, relatando práticas cotidianas e demandas territoriais, e marcando os padrões de acontecimentos através das cartas no mapa (figura 3). Após cada participação, os mapas eram fotografados para registro e reiniciados, possibilitando novas marcações por outros participantes.

Dessa forma, a oficina contou com ampla adesão, incluindo crianças, e resultou em um conjunto expressivo de relatos orais e registros. Os padrões de acontecimentos mais recorrentes incluíram práticas como a pesca, a coleta de lenha para uso doméstico, o deslocamento até as roças de toco, os banhos diários nas cachoeiras e o uso de canoas para travessia dos rios. Os mapas revelaram, ainda, a localização dos pontos de encontro coletivo visto que as habitações são distantes umas das outras, sendo estes os espaços de festejo e os ranchões, estruturas comunitárias abertas com cobertura de palha.



Figura 3: A equipe na realização da oficina participativa “jogo dos padrões” no III Fórum Sociocultural Kalunga.
Fonte: Periférico (2024).

Entre as principais demandas identificadas estão a necessidade de melhorar a infraestrutura dos campos de futebol e as condições para o escoamento da produção local de artesanatos, garrafadas e produtos orgânicos. Também foi recorrente a manifestação contrária à urbanização dos territórios mais afastados, como o Vão de Almas e o Vão do Moleque, cujos moradores demonstraram preocupação com a aproximação de um modelo similar ao da comunidade do Engenho II, onde a configuração espacial atual se apresenta um pouco mais densa que o natural do quilombo Kalunga e que tem lotes lindeiros e não distantes.

Em relação à hospitalidade, os participantes indicaram preferência por formas de turismo que respeitem a lógica familiar e territorialidade local, como o acolhimento de visitantes em quartos anexos às residências, em detrimento a estruturas separadas como campings ou chalés. Observou-se também um início na desmotivação pelo uso do adobe por questão dos valores de pessoas externas, que erroneamente desvalorizam a arquitetura de terra tradicional.

Durante a atividade, constatou-se que realmente a aplicação desta metodologia dos padrões facilitou significativamente a compreensão por parte dos participantes, independentemente da idade ou nível de escolaridade. Parte do Grupo que não conhecia a metodologia ainda, se surpreendeu ao perceber como a representação gráfica, nas imagens dos ícones e padrões, despertou memórias e reflexões, conectando cada pessoa à sua realidade de forma simples e direta, como uma linguagem natural.

4.2. ANÁLISE DAS TIPOLOGIAS ARQUITETÔNICAS, PADRÕES ESPACIAIS E DE ACONTECIMENTOS DA CASA COMO MORADIA E PRODUÇÃO

A partir da conexão maior com o território quilombola por meio do VI Encontro de Saberes no Vão de Almas, estruturou-se três desenhos gerais pontuando a localização dos padrões de acontecimentos principais da área da casa, da roça e do festejo. Partindo da premissa de que a casa quilombola não se constitui apenas da edificação e sim de todo o seu entorno (Oliveira, 2019), a análise da tipologia arquitetônica e do modo de vida Kalunga buscou refletir sobre a relação sistêmica entre as construções, o material construtivo, a natureza e as relações sustentáveis da dinâmica quilombola.

Primeiramente, a análise das tipologias habitacionais no geral evidenciou uma organização espacial descentralizada, em que as casas se distribuem de forma dispersa no território, respeitando laços de parentesco, proximidade com as áreas produtivas e com os rios para o saneamento. Diferente da lógica urbana baseada em lotes lindeiros e ruas formalizadas, essa disposição reforça certa autonomia dos núcleos familiares, mas também a integração entre habitação, roça e natureza. Essa configuração igualmente demonstra a diferença na percepção de espaço e distância para os quilombolas.

A figura 4 apresenta primeiramente a tipologia arquitetônica de uma moradia quilombola localizada no Curral da Taboca, evidenciando a composição espacial típica observada em diversas localidades do território Kalunga. Nesta ilustração confirma-se a composição da casa em um conjunto de elementos estruturantes que compõem a maior parte do espaço de vida familiar. Os principais componentes construídos são a casa principal e uma cozinha separada, ambas em adobe, além de uma área externa nos fundos, coberta sazonalmente com palha, equipada com bancos de madeira e um espaço destinado à fogueira; configurando um ambiente de convivência social e preparação de alimentos ao ar livre.

No quintal, destacam-se estruturas de madeira elevadas, conhecidas como jirau, utilizadas para higienização de utensílios, apoio em atividades domésticas e manuseio de instrumentos de trabalho agrícola. Essas estruturas, embora simples, revelam estratégias de adaptação e funcionalidade vinculadas ao modo de vida rural. As construções, em geral, não contam com instalações hidráulicas ou sanitárias convencionais. O acesso à água é feito por meio de galões e bombas manuais conectadas ao rio, e os poucos banheiros encontrados são estruturas precárias, com vedação e cobertura em palha.

A análise das condições sanitárias revelou que a ausência de banheiros é comum, estando relacionada a práticas tradicionais de uso do espaço natural para necessidades fisiológicas. No entanto, em algumas moradias, banheiros foram construídos recentemente como resposta à presença de visitantes e ao turismo crescente. Essa adaptação indica uma transformação provocada por fatores externos e evidencia os desafios em conciliar modos de vida tradicionais com as expectativas trazidas por pessoas de fora da comunidade.

Além disso, o quintal abriga outras estruturas como galinheiros, currais e hortas suspensas, dispostas de maneira dispersa sobre o solo de terra batida. Essa organização espacial reflete a integração entre moradia, subsistência e cuidado com os animais.

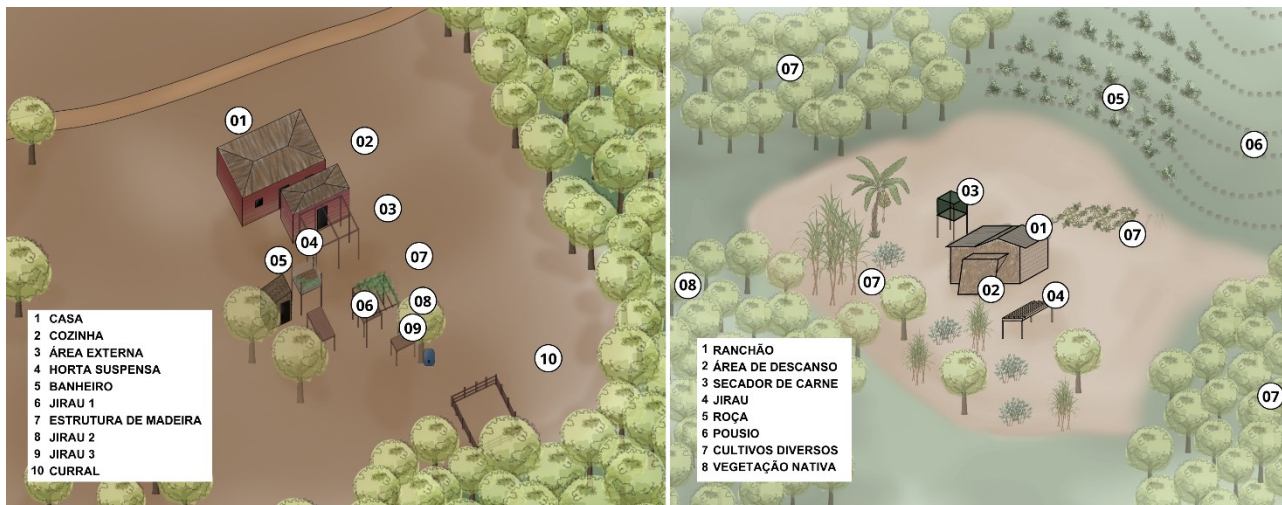


Figura 4: Representação esquemática da tipologia arquitetônica e espacial da a) moradia quilombola e do b) ranchão da área de produção agrícola quilombola.

Fonte: Laboratório Periférico. Desenho Oliveira e Leite, (2024).

Já a segunda parte da figura 4, demonstra a tipologia arquitetônica do espaço produtivo, utilizado como abrigo temporário durante os períodos de plantio, colheita e manejo das plantações. O único edifício presente é o ranchão, estrutura essencialmente funcional, com partes em madeira, vedação lateral em palha e cobertura igualmente em palha, o que indica sua vocação para montagem, desmontagem e possível relocação conforme a dinâmica produtiva. Internamente não apresenta mobiliário fixo, os poucos elementos presentes (utensílios, ferramentas e alimentos), são organizados em bancadas elevadas ou pendurados na estrutura do telhado, como estratégia para evitar o contato com os animais. Trata-se de um vão único, com os espaços determinados para os utensílios de alimentação, equipamentos e ferramentas da roça, sementes e objetos de uso rural, objetos de uso pessoal e redes para dormir. Essa configuração revela a multifuncionalidade e adaptabilidade do espaço.

No entorno do ranchão, observam-se áreas de cultivo diversificadas, que incluem pequenos pomares, ervas medicinais, e uma instalação semelhante a uma fossa de bananeira, um banco e um jirau de madeira. A paisagem predominante é composta por roças em uso, áreas em pousio e, sobretudo, vegetação nativa preservada, demonstrando o equilíbrio ecológico e a integração do espaço produtivo à natureza.

Por fim, a figura 5 apresenta uma representação esquemática do local de festejo do Vão de Almas, espaço onde foi realizado o VI Encontro de Saberes Kalunga. Diferentemente da organização dispersa observada nas moradias permanentes, essa configuração concentra diversas habitações temporárias em um mesmo núcleo, construídas especificamente para os períodos festivos. As casas são agrupadas conforme laços familiares e de vizinhança, formando pequenos pátios que favorecem a sociabilidade e a alimentação coletiva durante os eventos.

Embora prevaleçam elementos da arquitetura tradicional, como o uso do adobe, nota-se uma crescente presença de materiais industrializados, a exemplo da substituição das coberturas de palha por telhas planas de amianto e da construção de sanitários, vestiários coletivos e lavanderias voltados ao atendimento de turistas. Outro aspecto distintivo é a ausência de cercas ou muros entre as moradias, o que garante uma maior permeabilidade espacial e reforça o caráter comunitário do território durante as festas. Os eventos realizados nesse espaço, como as romarias e os encontros, costumam ter duração de até uma semana, sendo o ponto principal do fortalecimento da identidade comunitária.

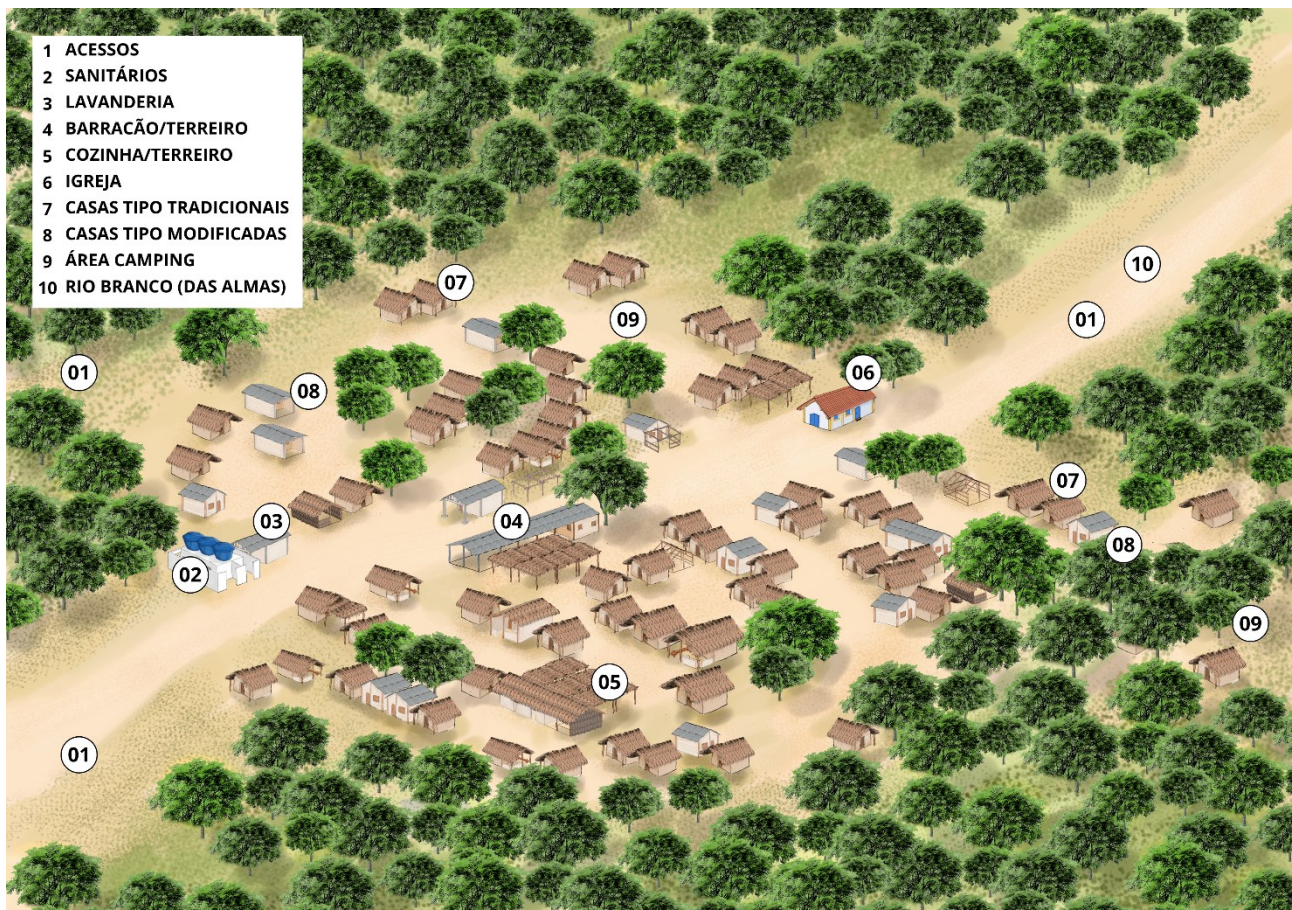


Figura 5: Representação esquemática das tipologias arquitetônicas e espaciais do espaço de festejo quilombola – Romaria do Vão de Almas, Cavalcante.

Fonte: Laboratório Periférico. Desenho de Oliveira e Leite (2024).

5. CONCLUSÕES

O desenvolvimento do projeto de extensão “Planejamento Territorial e Urbanismo Kalunga” (2024) permitiu a sistematização de informações sobre o habitat rural Kalunga, e o compartilhamento de saberes que contribuirão na formulação de diretrizes para o planejamento territorial de forma respeitosa. As análises das tipologias arquitetônicas evidenciam que o habitat quilombola se estrutura a partir de lógicas próprias ancestrais, que articulam a cultura, o trabalho produtivo, a sociabilidade e a moradia em formas espaciais específicas e interligadas.

A dispersão das moradias permanentes, a vegetação preservada no entorno, a proximidade e atividades regulares nos rios, a multifuncionalidade dos espaços produtivos e a organização temporária dos núcleos festivos revelam modos de vida profundamente conectados ao território e à natureza, algo que desafia os modelos convencionais de urbanização. Apesar do uso da palavra ‘disperso’, percebe-se que os arranjos espaciais não são aleatórios.

Ao mesmo tempo em que se percebeu essa harmonia e conexão, as oficinas participativas e as análises também elevaram a preocupação com as atividades turísticas cada vez mais crescentes no território. Algo que reforça a necessidade de um planejamento territorial que equilibre a infraestrutura mínima para visitantes com a preservação da identidade cultural quilombola, de modo a não perder a essência da tipologia arquitetônica local nem o modo de organização espacial da comunidade. Com o uso dos padrões ilustrados nas cartas, este trabalho igualmente reforça a importância de metodologias ativas, participativas e sensíveis à diversidade, como estratégia para garantir a equidade e futura proposição de soluções mais justas e adequadas à realidade.

No aspecto extensionista, as vivências em campo proporcionaram trocas ricas entre universidade e comunidade, possibilitando um aprendizado mútuo e reforçando o papel da extensão universitária como agente de transformação social e valorização da diversidade étnico-cultural. Entre os principais aprendizados, destaca-se a importância de incluir primordialmente os saberes tradicionais específicos do local como base para qualquer proposta de intervenção no território.

Os modos de vida quilombola de fato se integram à natureza de forma ecossistêmica e sustentável. De modo geral, os desafios mais importantes são a regularização fundiária e os impactos do turismo, que exigem atenção contínua e diálogo com as comunidades envolvidas, contribuindo também para o fortalecimento da AQK, para a autonomia local e para a promoção de estratégias de desenvolvimento territorial sustentáveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, C.; ISHIKAWA, S.; SILVERSTEIN, M. **A Pattern Language: towns, buildings, construction.** New York: Oxford University Press, 1977.

ANDRADE, L. M. S. **Conexões dos padrões espaciais dos ecossistemas urbanos: A construção de um método com enfoque transdisciplinar para o processo de desenho urbano sensível à água no nível da comunidade e da paisagem.** Tese de doutorado em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília. Brasília, 2014.

ANDRADE, Liza Maria Souza de; LEMOS, Natália da Silva; LOUREIRO, Vania Raquel Teles; LENOIR, Juliette Anna Fanny. **Extensão e Tecnociência Solidária: Periférico no DF e Entorno.** In: Cadernos de Arquitetura e Urbanismo v.26, n.38, 1º sem. 2019

ANDRADE, L. M. S.; CONCEIÇÃO, C. P.; DAMASCENO, C. M.; OLIVEIRA, L. F. C.; MABONI, T. X.; PAZOS, V. C. **Guia da Arquitetura Vernacular Kalunga: difusão e preservação dos saberes tradicionais.** 1 edição. Brasília: LaSUS FAU UnB, 2023. Disponível em: <https://livros.unb.br/index.php/portal/catalog/book/507>. Acesso em: 29 jul. 2025.

BOSSAERTS, L. T. M. **Projeto Participativo do Parque Urbano Ecológico de Cavalcante: padrões espaciais no nível da comunidade e da paisagem.** Dissertação de graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília. Brasília, 2023.

DAMASCENO, C. M. **Corredor Cultural do Cerrado.** Dissertação de graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília. Brasília, 2016.

DIAS, V. F. **Terra versus território: uma análise jurídica dos conflitos agrários internos na comunidade Quilombola Kalunga de Goiás.** Dissertação de mestrado em Direito, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2019.

MABONI, T. X. **Sentido Kalunga.** Dissertação de graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília. Brasília, 2018.

OLIVEIRA, L. F. C. **A Habitação a partir do olhar da etnicidade quilombola: Estudo de caso do PNHR no Território Quilombola de Mocambo e Cachoeira na Chapada Diamantina.** Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2019.

SILVA, A. A. **Urbanismo Kalunga: Sustentabilidade, Ancestralidade e Identidade.** Dissertação de graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília. Brasília, 2023.

SILVA, A. A. ANDRADE, L. M. S.; DAMASCENO, C. M.; OLIVEIRA, L. F. C. Urbanismo Kalunga: a sustentabilidade nos padrões espaciais dos ecossistemas urbanos e rurais de Cavalcante. **Revista Desafios**, v. 12 (ENEPEA), n. 2, 2025.

SILVA, A. A.; ANDRADE, L. M. S.; DAMASCENO, C. M.; CLEMENTE, S. Urbanismo Kalunga: sustentabilidade, ancestralidade e identidade. **International Ambiances Network**, v. 2 (RJ), p. 3256-3269, 2024.